

Feira das Sextas Atualidade d'Os Sertões*

Oswald de Andrade

O destino de uma literatura está preso aos seus grandes homens. Eles constituem, sem dúvida, o reflexo de um corte social e econômico, mas sem a força expressional de sua personalidade, outros podiam ser os caminhos abertos para o futuro. Sem Whitman talvez a América do Norte fracassasse por muito tempo na mão adunca de seus pioneiros, longe de encontrar a sua missão de democracia e humanidade. A presença de um grande escritor impossibilita a inflação dos valores medíocres e põe sempre no julgamento crítico um ponto alto de referência e de destino.

No pórtico da nossa moderna literatura permanecem duas sentinelas vigilantes: Machado de Assis e Euclides da Cunha. Editores podem fazer a farolagem que quiserem em torno de seus pupilos de emergência, a torcida dos grupos irresponsáveis pode levantar uma ou outra onda em cuja crista viaje abanando o chapéu uma ou outra incapacidade ilustre, a própria crítica erra e se desmancha em preferências sentimentais e políticas – a revisão inflexível se fará sempre pelo juízo das gerações vindouras e nesse contam as elevações marcantes e os cimos atingidos.

O destino do nosso romance está ligado à sobranceira criação de Machado de Assis, a

nossa poesia não pode dar um passo sem ver que existem na sua heráldica Castro Alves e Gonçalves Dias. E poesia e romance, através de seus modernos criadores têm sabido manter o traçado proposto por esses indiscutíveis marcos da nacionalidade. Do modernismo para cá, de Manuel e Mário até Vinícius de Moraes um rico tecido de mensagens vem mostrando que a criação poética se mantém à altura dos seus primeiros propulsores. E talvez seja a melhor glória dos romancistas sociais saídos da revolução política de 30 e da Semana de Artes de 22 – os Jorge Amado, os Gracilianos – ficarem de pé diante da permanência de Machado.

No campo da sociologia, no entanto, duas gloriosas atrapações têm barrado a carreira suada dos “cracks” nacionais: a existência de Euclides da Cunha e a sinfonia inacabada que jorra, se evola e voluteia do pensamento universitário americano. Enquanto Euclides aponta um caminho solar e decisivo, perigoso talvez na sua bruteza de síntese e na sua conclusão ética, o americano fez do professorado um “record” estatístico de minúcias inodoras, mais capazes de paralisar pela inércia as molas revolucionárias do mundo, que toda a demonologia dos Césares cujos passos Splenger anotou na caixa de ressonância da decadência da Europa.

Oswald de Andrade é ...e

* Originalmente publicado em *Diário de São Paulo*, 20 ago. 1943.

O americano quando não realiza o gibi na tomada da Sicília, é a criatura mais chata do mundo. Porque é ingênua, professoral e ativo. E nada mais desmanda a capacidade simpática do brasileiro, que essa obrigação, originada do surgimento da América na cultura, de ter que tomar nota, fazer estatística, levantar mapas das coisas mais inúteis da vida da terra. Saber quantos sujeitos vestidos de branco subiram no bonde da Santana, entre as duas e quatro horas da tarde. Fosse ainda do Bom retiro! Verificar quantas mulheres gordas foram a feira do Arouche. Para que? Evidentemente é peninha!

Diante disso, compreendo a retirada estratégica do Sr. Gilberto Freyre. Tendo criado uma espécie de compromisso cultural com os Estados Unidos, o autor de “Casa Grande e Senzala” refugiou-se na alimentação, preocupado com o doce. Bolos com vinte e quatro gemas de ovos frescos! Ovos não de granja, mas de galinha. Açúcar refinado às arrobadas! Como já tive ocasião de denunciar são “crimes contra a economia nacional”. A gula, a velha gula portuguesa, saldo de conventos, brotada da cozinha monumental de Alcobaça e das mãos macias das freirinhas, alcoforadas em sonhos de trigo, a gula acrescida pela fome das caravelas, olfatada no tempero africano, a gula monarquista saudosista, antimperialista, tomou conta das pesquisas do Sr. Gilberto Freyre. Ficou sendo uma espécie de “Hora da Saudade” do estômago racionado dos nossos dias. Havia nele uma tendência ao luso, ao Nordeste luso, a fim de elevar o branco suspeito da primeira América a padrão de nacionalidade. Uma espécie de réplica e contraponto ao orgulho mameluco dos paulistas de quatrocentos anos. Acabou não percebendo que os neo-emigrados – sírios, italianos, judeus – trazem para cá milênios ricos de civilização e de atividade criadora e sobretudo o brasão simples do trabalho.

Quem negará o valor dos estudos do Sr. Gilberto Freyre, certas retificações essenciais ao prosseguimento de nossa história? Mas fato é, que duas grandes tenazes seguram a sua projeção: esse “compromisso de minuciar” que o

americano impinge como sociologia e a sombra gigantesca de Euclides da Cunha.

*

Não podendo ir além de Ratzel em antropogeografia, além de Maudsley e Renan em história e psicologia social, em psiquiatria para lá de Tanzs – Euclides teve, no entanto, ao colocar-se, o caráter genial de seu visionamento. Foi quem, pela primeira vez antes das descobertas de Santos Dumont viu a terra brasileira de avião. Aquele intróito d’“Os Sertões” é uma mágica fotometria, assentada sobre os seus vastos recursos de conhecimento técnico. Que equilíbrio, que elegância, que modéstia culta não se examam das primeiras linhas dessa obra mestra!

E o livro todo prossegue no compacto desenrolar de um Brasil inédito e autêntico. Pela primeira vez alguém se recolhia do palco inglório, onde as tiradas romanescas fazem a psicose do deserto continental americano, para assentar as descobertas verídicas da nossa índole, de nossa latitude mental, de nossa formação, desaguando em mística, saudade e revolta. Pela primeira vez situava-se o brasileiro, para lá da orla litorânea, o ideólogo atrasado, filho de civilizações perdidas, mas tenazes nas suas estranhas deformações. Se há no livro de Euclides, uma página que permanece intacta, que defende e explica as nossas origens oratórias e morais de brancos, é aquela briga política entre o Conselheiro e Frei Evangelista de Monte Marciano que atravessa a fronteira fluvial do acampamento sertanejo e com os jagunços vai discutir república, monogamia e jejum!

*

Há uma expressão que a crítica estranhou na nota preliminar d’“Os Sertões”, mas de que Euclides, com sua enfunada bravura assumiu inteira responsabilidade. “Tivemos na ação um papel singular de mercenários inconscientes”.

Estamos longe da Stalingrado jagunça, que não teve mais homens para se defender. Produziu-se uma revisão favorável e comunicativa para com os nossos irmãos do profundo

interior, de quem sempre nos separou “uma coordenada histórica –o tempo”.

Dizia-me outro dia o padre Chevelon que partiu na atual bandeira em busca do Roncador-Xingú, que a primeira coisa de quês e deixa a noção na última cidade é o tempo. Como numa trincheira de guerra. Mas invés da luta, cai sobre o isolado a indolência do sertão. E ficam então no seu cérebro sonolento as ilhas de cultura, onde desabrocham florações espantosas.

*

A condenação final de Euclides permanece cantando nas orelhas quentes da política: “Os crimes e as loucuras das nacionalidades...” Faz-se o que se pode... respondem.

De há muito o próprio índio é defendido pela catequese civil como o fora pela catequese

jesuíta e até um Petain da Selva possuímos, para os amortecimentos do choque bandeirante em que permanece o namoro com as últimas tribos. A Bandeira atual parte levando presentes em vez de armas.

Mas a afirmação de Euclides cresce hoje de sentido, deborda, torna-se continental na luta armada como na luta econômica, nosso dever é iniludível: não podemos ser mercenários inconscientes dos imperialismos anunciados no roldão do conflito. Sobretudo mercenários contra nós mesmos. Que a “rocha viva” que foi Canudos tome dialeticamente uma expressão de nacionalidade perante o suspeito e capitoso interesse que se desenha nos horizontes próximos da paz.

